

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — Comissão de Redacção. — D. Quixote. — Discurso proferido por Tito Amaral. — Cavaço philosophico litterario. — Poesia: A quem amo? — Chronica.

Commissão de Redacção

O tempo em sua continuidade absoluta determina a lei de successão. D'ahi os phasés desta *Revista*, sujeita a mudar de aspecto com as comissões de redacção que succedem-se semestralmente. E' obedecendo a essa lei que nos apresentamos em publico. Assim o quiz a benevolencia de nossos consocios constituindo-nos seus mandatarios. Impõem-nos, por tanto, um oneroso dever — o de substituir a illustrada commissão que dirigiu esta *Revista* durante o ultimo semestre do anno que finda.

O encargo é grave, e se confiado aos collegas que depõem agora o seu mandato, mas que o fazem com honra tendo a consciencia de que bem souberam comprehende-lo e de que fizeram jus á nossa gratidão, se, confiado a estes, foi dignamente desempenhado, talvez que, nos sendo commettido, não o possamos conservar na mesma altura.

Se assim acontecer, restar-nos-ha o contentamento resul-

tante da consciencia que se interroga e louva-se a si mesma. E' que nos terão faltado as forças, mas nunca a sinceridade e empenho no cumprimento do dever. Assim inspirados apresentamos-nos sem títulos, que nos recommendem, offerecendo, apenas, como garantia de nosso proceder, a boa vontade. E, folgamos em dizer-lhe, já é muito. Sem esta não ha commettimento possível, não ha iniciativa, não ha trabalho, fonte perenne d'onde manam todos os bens. Houvesse-a, como um agulhão, para despertar a nossa sociedade do profundo sono em que jaz — *le laisser faire*, e não presenciariamos certamente a crise angustiosa porque passamos.

As crises, quando tem o caracter de permanencia, dependem de uma causa, uma só — a falta de industria. Remove-se a causa e cessará o effeito. Mas como remove-la? Qual o meio? Ha um só: é o trabalho. Filho da iniciativa, este não pode medrar onde não ha boa vontade.

Entretanto o povo que dorme bocejia, e ouve-se um clamor, cujo echo dorido e melancolico repete a imprensa. E' o clamor contra os governos que não sabem debellar as crises. O povo tem razão; sente-se enervado, mas sabe que a culpa não é sua. A culpa é dos governos pois que, como o affirmo o actual Sr. ministro da fazenda, d'elles deve partir a iniciativa. O povo não quer ser preguiçoso, mas precisa direcção, quer que lhe proporcionem os elementos para o trabalho.

Não é, entretanto, na creação de bancos, na importação de colonos, na eleição directa (actualmente) que ha de ser encontrados tais elementos. Deve-se ir buscá-los pura e simplesmente na educação, pura e simplesmente na instrução. Para aqui é que deve ser dirigida a attenção dos governos. E' preciso que d'elles parta a organização do ensino, é preciso que promovam a reforma da educação intellectual primaria obrigatoria.

Façam isso, e o povo, conscio de sua força, verá na inacção o maior dos vicios; sentirá robustecida a confiança propria, para cujo aniquilamento nada mais contribue que o actual systema de ensino.

Façam-lhe comprehender e admirar a natureza; estabeleçam, para base de toda a educação, o ensino, ao menos dogmatico, do que são as sciencias, quaes as suas correlações, qual o seu espirito, quaes as applicações de que são susceptiveis; e a educação fructificará.

E' isto o que manda a philosophia positiva, que é a phi-

losophia natural, a philosophia do bom senso. Então o povo terá aprendido que toda a sabedoria humana consiste no conhecimento das leis immutaveis da natureza, das leis que presidem a todos os phenomenos, quer do mundo physico, quer do mundo intellectual; terá aprendido que todo o poder do homem consiste na modificação d'estas leis e que quanto mais preciso for o seu conhecimento tanto mais progresso apresentará as artes e apresentará a industria; estará convencido finalmente de que na sciencia baseia-se directamente toda a sua faculdade d'acção.

Procedam d'este modo os governos, e o povo nobilitar-se-ha pelo trabalho. E' questão apenas de tempo.

Ministrada essa instrução solida, racional e unica compativel com o progresso social, não teremos mais especialistas ignorantes. Todos com a noção clara dos diversos ramos a que se pode dirigir a actividade humana, estarão habilitados á especialidades. Qualquer que seja então não passará do estudo aprofundado de algumas das leis naturaes.

D'este modo os governos e a representação nacional deixarão de ser compostos, quasi exclusivamente, de legistas. Salvo alguns medicos e rarissimos engenheiros, unicos cujo espirito recebeu a disciplina da sciencia, e, por isso tambem, unicos capazes de uma boa e racional administração, salvo estes, o Estado é entregue aos homens do direito.

Aos menos idoneos, pois, para comprehender as necessidades sociaes, é entregue a legislação, é entregue a administração, e confiado, em summa, o futuro nacional. Como curarem seriamente da agricultura se o progresso d'esta é baseado na sciencia? Se ella depende immediatamente da Physica, da Chimica, da Physiologia, cujos nomes por si só lhes causa repugnancia? Como entenderem a natureza dos problemas sociaes, se, alheios ás sciencias, não dão para isso o primeiro passo — o conhecimento do organismo humano? Ha uma necessidade urgente, capital, é que a philosophia de Comte tenha accesso nas altas regiões onde pairam os governos.

Então, quando lhe derem a direcção da sociedade, donde resultará que os representantes da nação transformem-se de palradores em pensadores, o povo terá iniciativa, terão iniciativa as camaras, que concebendo, pelo estudo das sciencias, as condições do progresso, adquirirão a disciplina mental, sem a qual não pôde haver unidade de pensamento.

A imprensa, apta para satisfazer o cargo que lhe cabe, deixará de ser apaixonada para ir, com a observação calma e reflectida, procurar a causa dos males sociais apontando conscienciosa e desinteressadamente o medicamento a empregar. Já que o fallamos, manda a justiça que, n'este tempo em que a imprensa parece desconhecer a grandeza de seu fim, registremos um facto. Queremos fallar do retrospecto do *Cruzeiro*, onde a analyse da questão do Oriente, do socialismo e do ultramontanismo tem sido feita com uma sã reflexão, e isenção de espirito, dignos de louvor. Ahi a observação bem dirigida tem apreciado, com todo o rigor logico, a verdadeira causa dos factos.

N'essa luminosa analyse do socialismo mostrando de um lado as idéas modernas tomadas de um modo absoluto, e do outro as idéas retrogradadas armadas da opressão e de cujo choque resulta esse disequilibrio, esse desvariamento social; n'essa analyse reconhece-se um espirito emancipado, que não se confessando, talvez, positivista, emprega em suas indagações o methodo da philosophia positiva, o methodo de Comte—a observação.

Sempre procedesse a imprensa assim, e não veria maculado o seu prestigio.

Nós que conhecemos, pois, o grandioso papel da imprensa, que pretendemos apparecendo na vasta arena dos que lutam pela idéa? Lavrar um protesto apenas. Um protesto, sim, contra a inacção.

Lavramo-lo porque a mocidade que foge de trabalho não pôde nem deve symbolisar a esperança, não pôde nem sabe ser a prophetisa do futuro.

Temos uma ambição: é que esta *Revista*, que entra, com este numero, no segundo anno de sua existencia, não desmereça no conceito publico e continue a receber o acolhimento que tem tido até aqui.

Rio, Janeiro de 1878.

A REDACÇÃO.



« Soube ser mestre. No coração de cada moço, minei uma fonte de amor, de nobreza e de gratidão. A alma da mocidade é uma semente fecunda, é um germen rico de seiva: dai-lhe um bom terreno, proporcionai-lhe um bom meio; e esta semente se tornará arvore, dará saborosos fructos; e este germen estenderá suas radiculas possantes nas fendas do edificio da sociedade, o fortificará contra a tempestade das paixões, contra o acontre da ignorancia e contra o embate dos vicios. Eu fui um bom jardineiro: estudei o terreno, e semeei com proveito o grão. Cada gotta d'agua, que dispensei ás minhas plantas, foi-me paga com uma flor; porque a mocidade, como tudo que é avido e fecundo, sorvia o liquido, e respirava o perfume que me embriagava. Recebia com amor, com risos e com carinhos as sementes na primavera, e dava-as á sociedade, já rebentos, no outono, com tristeza, com lagrimas e com saudades. Parecia-me que estes rebentos eram filhos de minh'alma, e eram apenas discipulos de meu coração, e serão um dia amigos da minha velhice. Sim! Quando já decrepito, coberto de cans, branca aureola da neve dos annos, de fronte e faces cavadas de rugas, fundos sulcos do arado do tempo, cambaleante e tremulo como o vetusto cedro ao sopro da tormenta, eu lançar os embaciados olhos sobre uma epoca que já não é minha, sobre um sol que já se me empallidece, sobre uma vida que já me foge; quando finalmente, o crepusculo nuncio da eternidade vier me afogar, pela ausencia das forças, no occaso — despedida sombria desta vida transitoria que se some, então, virei desfilhar parte desse mundo que já não é meu, parte dessa mocidade de hontem, e, cercando-me, virá um por um beijar as cans de seu mestre e render homenagem á sua fraqueza: são os meus discipulos, são meus amigos. »

Terieis razão em fallar assim. Esta seria a linguagem da satisfação do cumprimento do dever. Fostes um dos poucos levitas deste culto. Vossos discipulos vêm hoje, espontaneamente e só impellidos pelo coração, manifestar o quanto lhes mereceis. Exultai, pois, familia e amigos. Aquelle que ali vedes n'uma tela tão pobre de adornos, porem rica de luz, tão pequena de tamanho, porem grande de apreço, aquelle todo que traduz respeito e bondade — é um pequeno involucro de uma grande alma. Ali, debaixo d'aquelle aspecto que declina, que murcha, se agasalha uma alma que reverdece, que floresce: é um tronco exte-

riormente secco, mas cheio de seiva, que agita-se e dá rebentos novos. Aquelle semblante placido, aquella expressão angelica — são o resultado da combinação sympathica da doçura da mocidade com os reflexos da velhice, que identificaram-se ali. Aquelle retrato é de um velho moço. A mão destruidora do tempo consome-lhe a materia, gasta-lhe o corpo; — a vara magica da virtude duplica-lhe a vida, rejuvenesce-lhe os sentimentos. Como isto é bello! E' a luta da materia com o espirito. E' a victoria do espirito, d'alma, ser divino e immortal, sobre a materia, sobre o pó, cousa fungivel, cousa passageira. Orgulhai-vos, pois, velho nobre. Tendes de que. Estes moços são testemunhas do quanto sois bom, do quanto mereceis; perscrutaram, e sentiram a magnetude de vosso coração, e vêm dizer-vos:

« Nos vinte signos de luz que percorrestes no magisterio, ha muita virtude, muito amor; derramastes, em profusão, muita vida, muito pão espiritual sempre aquecido ao fogo do coração, o qual alimentando-nos a razão tambem nos nutria a alma.

Não exageramos denominando de signos de luz os annos que occupastes a 1.^a cadeira do 2.^o anno da Escola Militar; não. O magisterio é um apostolado, a escola é um novo Sinai, o livro é a sua taboa da lei, é a cornucopia da instrução; e aquelles que ensinam a decifrar esta taboa, aquelles que despejam esta cornucopia pelo povo — são verdadeiros apóstolos da verdade, que é a luz da razão, da justica, que é o pharol da perfectibilidade humana. Mas, para que se mereça o nome de apóstolo da civilização, para que se cumpra verdadeiramente a missão deste apostolado, não basta a viveza da intelligencia, não basta a abundancia de saber: é necessario o brilho d'alma, o magnetismo do coração, que transmittam esta intelligencia, que inoculem este saber.

Oh! sim! Dai instrução; mas derramai com a luz do espirito a luz do coração. Dai a instrução; mas que cada letra, que cada cifra, que cada phrase, que cada periodo, finalmente que cada lição leve ao espirito uma idéa nova e derrame n'alma um novo sentimento. Dai a instrução; mas instrui fallando ao coração, instrui despertando sentimentos nobres, instrui amenizando a aridez do estudo, instrui amando. Dai a instrução, destrui a ignorancia — palicada do saber, dissipai as trevas — baluarte da luz, demoli o vicio, — carcere da virtude; mas minai os alicerces deste

carcere, afugentai estas trevas, deitai por terra esta paliçada, com o brando sopro da amizade e da igualdade que apaga a linha divisória entre o senhor e o escravo, entre o soberano e o servo, entre o superior e o subalterno, entre o discípulo e o mestre. Substitui esta linha divisória que é o orgulho, a aspereza — simplesmente pelo respeito, que é a ordem, que é a harmonia.

A mocidade é exuberante de fé, superabundante de esperanças; oh homens do magisterio — instrui robustecendo esta fé, amadurecendo estas esperanças. A mocidade é rica de seiva, opulenta de força, poderosa de vontade, soberana de vida; curai desta seiva, applicai esta força, dirigi esta vontade, utilisai esta vida.

E como? — Inoculando, ao mesmo tempo, n'alma e na cabeça, — fontes desta seiva, desta força, desta vontade, desta vida, — a sciencia e a moral; fazendo trabalhar juntamente o espirito e o coração, — dois grandes mestres n'uma só individualidade. O espirito fará da palavra — instrumento para leccionar a sciencia; o coração com o amor, linguagem muda mas ardente, leccionará a moral.

Vós assim o fizestes, assim nos ensinastes; e é por isto que hoje vos cercão estes moços que foram vossos discípulos. Todos recebemos a saudação amigavel que nos dispensastes ao receber-nos em vossa aula; todos gosamos de vossas maneiras affaveis no decurso de vossas eloquentes lições; todos ouvimos as palavras commoventes, e sentimos, tranzidos de saudade, o aperto de mão que, por despedida, nos destes na porta de vossa aula, tabernaculo do estudo, da amizade, e, mais que tudo isto, tabernaculo da lealdade; todos, finalmente, viemos, hoje, agradecidos trazer-vos este retrato, modesto tributo á intelligencia e á grandeza d'alma de quem, com profusão, nos dispensou a luz do espirito — sempre circumdada pela aureola brilhante de seu magnanimo coração.

Sirva, ao menos, este pequeno testemunho de amizade, para significar o muito que mereceis de uma mocidade que sabe render homenagem ao merito.

Côrte, 15 de Dezembro de 1878.

riormente secco, mas cheio de seiva, que agita-se e dá rebentos novos. Aquelle semblante placido, aquella expressão angelica — são o resultado da combinação sympathica da doçura da mocidade com os reflexos da velhice, que identificaram-se ali. Aquelle retrato é de um velho moço. A mão destruidora do tempo consome-lhe a materia, gasta-lhe o corpo; — a vara magica da virtude duplica-lhe a vida, rejuvenesce-lhe os sentimentos. Como isto é bello! E' a luta da materia com o espirito. E' a victoria do espirito, d'alma, ser divino e immortal, sobre a materia, sobre o pó, cousa fugivel, cousa passageira. Orgulhai-vos, pois, velho nobre. Tendes de que. Estes moços são testemunhas do quanto sois bom, do quanto mereceis; perscrutaram, e sentiram a magnetude de vosso coração, e vêm dizer-vos:

« Nos vinte signos de luz que percorrestes no magisterio, ha muita virtude, muito amor; derramastes, em profusão, muita vida, muito pão espiritual sempre aquecido ao fogo do coração, o qual alimentando-nos a razão tambem nos nutria a alma.

Não exageramos denominando de signos de luz os annos que occupastes a 1ª cadeira do 2º anno da Escola Militar; não. O magisterio é um apostolado, a escola é um novo Sinai, o livro é a sua taboa da lei, é a cornucopia da instrução; e aquelles que ensinam a decifrar esta taboa, aquelles que despejam esta cornucopia pelo povo — são verdadeiros apóstolos da verdade, que é a luz da razão, da justiça, que é o pharol da perfectibilidade humana. Mas, para que se mereça o nome de apóstolo da civilisação, para que se cumpra verdadeiramente a missão deste apostolado, não basta a viveza da intelligencia, não basta a abundancia de saber: é necessario o brilho d'alma, o magnetismo do coração, que transmittam esta intelligencia, que inoculem este saber.

Oh! sim! Dai instrução; mas derramai com a luz do espirito a luz do coração. Dai a instrução; mas que cada letra, que cada cifra, que cada phrase, que cada periodo, finalmente que cada lição leve ao espirito uma idéa nova e derrame n'alma um novo sentimento. Dai a instrução; mas instrui fallando ao coração, instrui despertando sentimentos nobres, instrui amenizando a aridez do estudo, instrui amando. Dai a instrução, destrui a ignorancia — palçada do saber, dissipai as trevas — baluarte da luz, demoli o vicio, — carcere da virtude; mas minai os alicerces deste

carcere, afugentai estas travas, deitai por terra esta paliçada, com o brando sopro da amizade e da igualdade que apagão a linha divisória entre o senhor e o escravo, entre o soberano e o servo, entre o superior e o subalterno, entre o discípulo e o mestre. Substitui esta linha divisória, que é o orgulho, a aspereza — simplesmente pelo respeito, que é a ordem, que é a harmonia.

A mocidade é exuberante de fé, superabundante de esperanças; oh homens do magisterio — instrui robustecendo esta fé, amadurecendo estas esperanças. A mocidade é rica de seiva, opulenta de força, poderosa de vontade, soberana de vida; curai desta seiva, applicai esta força, dirigí esta vontade, utilisai esta vida.

E como? — Inoculando, ao mesmo tempo, n'alma e na cabeça, — fontes desta seiva, desta força, desta vontade, desta vida, — a sciencia e a moral; fazendo trabalhar juntamente o espirito e o coração, — dois grandes mestres n'uma só individualidade. O espirito fará da palavra — instrumento para leccionar a sciencia; o coração com o amor, linguagem muda mas ardente, leccionará a moral.

Vós assim o fizestes, assim nos ensinastes; e é por isto que hoje vos cercão estes moços que foram vossos discípulos. Todos recebemos a saudação amigavel que nos dispensastes ao receber-nos em vossa aula; todos gosamos de vossas maneiras affaveis no decurso de vossas eloquentes lições; todos ouvimos as palavras commoventes, e sentimos, tranzidos de saudade, o aperto de mão que, por despedida, nos destes na porta de vossa aula, tabernaculo do estudo, da amizade, e, mais que tudo isto, tabernaculo da lealdade; todos, finalmente, viemos, hoje, agradecidos trazer-vos este retrato, modesto tributo á intelligencia e á grandeza d'alma de quem, com profusão, nos dispensou a luz do espirito — sempre circumdada pela aureola brilhante de seu magnanimo coração. □

Sirva, ao menos, este pequeno testemunho de amizade, para significar o muito que mereceis de uma mocidade que sabe render homenagem ao merito.

Côrte, 15 de Dezembro de 1878.

Cavaco philosophico-litterario

II

Sempre que, para estudar a marcha dos conhecimentos humanos, nos temos visto na contingencia de recorrer à Historia, temos notado que muitas das concepções modernas ligam-se pelos laços da analogia ás dos nossos antepassados.

No que concerne á escolas philosophicas, esta analogia é ás vezes tão perfeita que torna-se um verdadeiro arremedo. Dá-se com ellas o mesmo que se dá com as diferentes religiões. E' assim que, por exemplo, as doutrinas estoicas assemelham-se em muitos pontos ás do Christianismo, podendo-se até suppor que aquellas exerceram accção sobre a origem destas. Dir-se-hia que ha um centro onde de tempos a tempos se amalgamam todos os esforços intellectuaes da humanidade para depois, dadas certas condições, surgirem novas leis, novas doutrinas, trazendo o cunho das idéas primitivas. Ou seja assim, ou seja consequencia de tradições historicas, o certo é que muitas theorias christmadas hoje com o título de modernas, não são mais do que a reprodução de theorias já conhecidas na antiguidade e que agora se apresentam mais ou menos aperfeiçoadas, segundo o gráo de instrução do individuo que, apoderando-se d'ellas, soube imprimir-lhes um certo cunho scientifico que até então não tinham.

Como é sabido, muitas foram as escolas philosophicas que nos precederam. Estas escolas tiveram periodos de grandeza e periodos de decadencia. Uma desapareceram logo da face da terra, quasi que sem deixar vestigios de sua passagem; outras tiveram uma vida mais longa, desaparecendo somente para dar logar ao nascimento de novas idéas de que se constituíram germens.

Hoje pode-se dizer que só duas destas escolas desafiam o espirito humano na busca da verdade—A Meta-phisica e o Positivismo—possuindo ambas grande numero de adeptos que de parte a parte sustentam vigorosamente a excellencia de seus principios e não nos permitem prever ainda qual das duas será supplantada, embora já os sectarios extremados do positivismo cantem hosannas pelo triumpho da causa que esposaram.

Dito isto, atiremo-nos para o lado da esthetica e penetremos nos dominios da litteratura.

Dissemos no final do nosso primeiro artigo, alludindo ao modo symbolico porque representam a metaphysica, que ella jamais deve descer á observação e somente se occupar de contemplos elevados. Ora, a nosso ver, não existe ramo algum de conhecimentos humanos onde o espirito mais se eleve do que na Litteratura, e mormente na Poesia. Portanto, nenhum tambem que como ella esteja mais sujeito á influencia da metaphysica. Eis porque não nos admira que os poetas *realistas*, aquelles que mais se esforçam pelo completo banimento do *lyrismo*, que motejam das inspirações *doentias*, *aereas*, *phantasticas*, em summa, os homens do «pão, pão; queijo, queijo,» estejam a cada momento se enredando nos seus liames, mesmo quando com o espirito prevenido apregoam a excellencia da poesia, fundada na evolução scientifica porque passa a humanidade.

Antes de irmos além, convém dizer que a escola *realista*, hoje tão preconizada, não é tão moderna como parece a muitos daquelles que a seguem. A historia nos diz que na velha Grecia houve um tempo em que querendo-se como que arrastar a poesia para fora de suas vias ordinarias, inventou-se os poemas didacticos, onde eram cantados os phenomenos terrestres, o organismo humano, a astrologia, etc., etc.

Foi segundo esta forma que Aratus de Soles escreveu um tratado de anathomia em versos; que Nicandro cantou os remedios que se empregava contra os animaes venenosos; que Dicéarco descreveu a Grecia em versos jambicos; que Sota pintou as maiores obscenidades; que o egypcio Manethon occupou-se da influencia dos astros sobre os phenomenos da vida e que, finalmente, Archestrato cantou os peixes, os legumes, em summa, tudo o que contribuia para os prazeres da mesa.

Como se vê, já naquelle tempo o *realismo* tinha proselytos; mas, ou porque não fosse bem cultivado, ou porque não se amoldasse á linguagem divina da poesia, o que é facto é que cahiu ante o *lyrismo* de Cherilo de Agis e de outros. Hoje trata-se de o fazer reviver condemnando-se atrozmente o *lyrismo*, isto é, trata-se de jungir a musa ao carro da Sciencia, e fazer com que as leis do mundo physico, com os seus multiplos e variados phenomenos, possam ser subordi-

nados ao metro e à rhyma. A idéa não pode ser mais nobre nem mais elevada, porém somos daquelles que duvidam do seu triumpho, porque, digam o que quizerem, a poesia será sempre independente do espirito positivo do século.

M. VALLADÃO.

Continúa.

A poesia individual

Quando a effusão do romantismo chegou ao seu auge, no tempo em que todos os entendimentos se revoltavam contra o predomínio do classicismo, vogavam entre outras doutrinas preconisadas dos fanaticos da arte romantica, uma que era como um composto de exagerada represalia, em que o estudo da antiguidade, por ser reputado de nenhum interesse para a litteratura e para a arte, devia ser vedado a litteratos e poetas; era então o futuro, de onde devia raiar a aurora de regeneração da poesia; os deuses foram expulsos do Olympo, negaram-lhes patria e domicilio; e apenas alguma nota de lyra caprichosa e outras vezes satyrica e desdenhosa, recordava esses pobres immortaes, de quem nos veio na grande corrente da civilisação hellenica o verdadeiro sentimento do bello.

O poeta, que então buscava inspirar-se no estudo da antiguidade, era acromente taxado de pagão, pela turba de criticos orthodoxos, mesmo quando, como H. Heine, mimo-seava os deuses com uma satyra risonha, leve e phantasiosa, mudando a Diana, a divina Diana, dos cumes azulados do Parnaso, para uma sala de algum castello gothico, mobiliado ao gosto da renascença, ou como Theodore Banville, cuja lyra era excessivamente ideal, que lhes dava « des allures florentines. » (1)

Mas esta doutrina paradoxal, fatal consequencia da falaz comprehensão de um novo ideal, seria um caminho certo à decadencia do gosto, se os estudos de Ponsard e Laprade sobre a antiguidade, e especialmente as obras poeticas de Leconte de Lisle, não fizessem a poesia retomar o caminho de suas fontes primitivas.

(2) Th. Gautier — Histoire du Romantisme.

Leconte de Lisle, que como Chenier, comprehendeu profundamente o sentimento da poesia antiga, contribuiu com os seus poemas antigos, para esse fecundo renascimento da antiguidade.

Ao passo que a tradição conquistava direito de cidade no dominio da poesia romantica, alguns sectarios do progresso continuo e indefinido, não só lhe negavam tal direito, como declaravam guerra de morte á poesia medida e rimada; — clausuraram as musas, e cedendo ás tendencias prosaicas do seculo, proclamaram o imperio absoluto da prosa, como uma especie de forma democratica do pensamento; o Parnaso ficaria deserto e os vates, como os peregrinos da Meca, viriam uma vez ou outra em busca de alguma reliquia preciosa.

Mas assim como a poesia havia triumphado, tambem triumphou a sua forma, e o verso, que em França parecia ter desaparecido da scena com Molière e os classicos, foi restaurado pelo genio admiravel de Victor Hugo, como a unica vestidura capaz de conservar a supremacia ás idéas grandiosas.

Predominava pois a poesia e o verso, e Eugenio Pelletan, natureza phantastica e positiva, real e sonhadora ao mesmo tempo, apesar da potencia argumentadora de seu espirito progressista, das seducções de sua prosa scintillante de poesia, cheia de verve e saturada de um sincero e voluptuoso sentimento humanitario, prosa que bem podia servir de modelo primoroso aquelles que pugnavam pela eliminacão do verso, teve o desprazer de assistir á queda de suas idéas, já bem combatidas pela penna maviosa de Lamartine.

Entretanto, a poesia nunca se apresentou mais rica e peregrina do que nestes tempos em que a maior parte dos talentos poeticos que despontaram com o desabrochamento da grande flor do romantismo, haviam attingido a este grão de reflexão e madureza, em que o espirito, como a nossa natureza physica, está em toda a plenitude de seus vigores.

Os livros de versos pullulavam em França e no mundo inteiro — o verso chegou mesmo, contra a sua natureza, a ser uma forma didactica, e desfraldou o estandarte esperançoso de propaganda, e as idéas democraticas, em cujo nome lhe tentaram matar, nunca foram mais eficazmente apregoadas e defendidas do que nos graves, energicos e sumptuosos alexandrinos do autor dos *Châtiments*.

De sorte que essa forma que se pretendia banir do dominio da poesia, como uma forma aristocratica, reconquista a sua

autonomia tradicional, attrahindo pela sua cadencia e suavidade, harmonia e altivez, a sympathy d'aquelles que des- peitadamente não lhe queriam reconhecer os fôros de alta fidalguia, e os grandes mestres da poesia de todas as partes e de todos os tempos, passaram a ser estudados, commen- tados, traduzidos e imitados por todos os povos civilizados, e o genio da poesia, ainda esta vez, campeou sobranceiro, e atravessou ufano por entre a turba galhofeira dos progres- sistas paradoxaes.

O espirito prosaico e utilitario, considerando-se impotente para eliminar completamente a poesia, assim como todas as artes cujo fim principal fosse a pura representação do bello, modifica um pouco a sua insensata pretenção, e então appa- receram os chamados criticos positivos, os definidores da *idéa nova, da arte nova, das tendencias do seculo*, e seus esforços convergiram desgraçadamente para que predomi- nasse a poesia que elles chamam de *collectiva*, altruista, util, a unica capaz de levantar o nivel moral da humani- dade, de enrijar o sentimento das turbas por demais amolle- cido e adoentado pela outra poesia que em opposição chamam de individual, egoistica e lyrica, e que tem o grande crime de ainda ter um ideal, neste tempo da industria e do commercio.

Esta maneira singular de considerar a poesia, desconhe- cendo completamente a sua missão, não é outra coisa senão a triste consequencia de uma nova philosophia que, não tendo comprehendido o fim nobre e essencialmente espirital da arte nos destinos da humanidade, ou porque, tendo-o com- prendido, queira muito propositalmente torcer-lhe o sen- tido, e por uma mania diabolica procure obrigar tudo a uma especie de chavão, como se a poesia, por sua natureza in- contestavelmente ideal, não fosse adversa ás chatas conven- ções onde mais se tem em vista os preconceitos dos systemas e das escolas, do que a suprema elevação de vista da grande arte.

Segundo as doutrinas dissolventes de uma tal philosophia, em que a arte é considerada como um elemento secundario na prodigiosa formação do espirito humano, a poesia como uma arte que é, ou tinha de ser completamente excluida, ou havia de, por uma transformação forçosamente incompativel com a sua natureza puramente ideal, converter-se em uma arte restricta, derivando simples e exclusivamente da natureza e da sciencia a que sómente pediria inspirações,

uma engrenagem de preceitos e regras mechanicamente regulados, uma especie de realejo tocando um pequeno numero de pecas, cuja manivella apenas movida machinalmente, principia logo a musica a produzir-se com a precisão do numero ; — o poeta deixaria de ser o ente excepcional e privilegiado de todos os tempos; e em vez de uma lyra, o brasão do vate passaria a ser uma caixinha de musica de repetição.

Nem se pense que eu invoco phantasmas para depois debellal-os — pois quem medita profunda e imparcialmente sobre o espirito dessa escola, convenientemente prevenido para escapar as subtilidades de seus falsos raciocinios, aos fundamentos paradoxaes de sua argumentação, e sobre tudo á hypocrisia com que procura fascinar os espiritos com um cortejo de sentimentos humanitarios, ás promessas fascinadoras de tudo facilitar, de aclarar tudo, de não monopolisar nada — quem quizer, emfim, ha de encontrar, claro ou implicito um odio desapiedadamente movido contra a arte e contra a grande sciencia, e arvorado o estandarte rubro de uma guerra cruenta desfechada contra o bello e contra a verdade absoluta, em favor da sciencia pratica e utilitaria e das artes industriaes.

Chama-se a isso democratizar a arte, acabar com o monopolio dos poetas subjectivos, e tornar a poesia accessivel a todos os talentos, a todos os temperamentos, a todas as condições ; desde as ingenuidades burguezas até ás intellectualidades de saber aristocratico ; desde as naturezas frias, insulsas, até os espiritos entusiastas, fogosos e delicados ; desde o homem positivo e exacto até os sonhadores e phantasticos architectos de castellos ideaes : emfim, vulgarisar e baratear a poesia assim como a descoberta dos processos de imitação das pedras preciosas veio diminuir a raridade e augmentar a barateza ao diamante e ao rubim.

Mas a poesia assim comprehendida, não podia deixar de ser uma arte convencional e transitoria ; tentaram ensinal-a nas escolas — d'ahi os processos e os methodos, como se usa nas classes ; é bem curioso de ver-se um destes *modelos de poesia*, pois os ha para todos os generos, que ordenados na ordem de difficuldade crescente, como na calligraphia se ordena os traslados desde os riscos esbeltos e simples, até as letras lançadas e cheias do bastardo, as estreitezas do cursivo e capricho das garatuñas ; de sorte que o poeta que num dia de inspiração quizer cantar a terra, em vez de

alar-se pela imaginação ao mundo infinito dos astros, em vez de ir buscar-lhe o genesis nas grandes legendas da humanidade, de pedir á sciencia só aquillo que poeticamente couber na sua obra, em vez de procurar nas hyperboles e metaphoras arrojadas os toques que devem realçar a sua criação — elle não pode pedir inspiração se não ao seu modelo que é inalteravel, não precisa do concurso da imaginação porque a sciencia que lhe paralyssa as azas lhe dá tudo, não precisa das grandes figuras do pensamento, das finezas do estylo, do conhecimento dos segredos da lingua, das exquisitices do gosto, pois a sua poesia, ha de ser uma verdadeira lição astronomica com pretensões a ser adoptada como compendio por algum sabio de universidade.

Entretanto não carecia tirarem-lhe o encanto, não precisava extorquirem-lhe a emoção pelo sentimento, que é a sua alma, para que a poesia tenha, como tem tido sempre, acção evidentemente benefica na grande educação da humanidade; ao contrario, essas usurpações que lhe tentaram fazer tanto na sua natureza intima, como em sua forma, em vez de fazerem della uma providencia, porque ella tem sido como um grande refrigerio á humanidade soffredora, será um engano, uma deformidade, uma criação hybrida e venenosa, como esses residuos inesperados que se precipitam na retorta do alchimista que buscava o elixir de longa vida.

A poesia *collectiva, universal*, — a *alta poesia*, como a querem os martelladores, de uma arte derivando da sciencia, é impossivel porque deve ser composta de elementos heterogeneos, entre os quaes se torna irrealisavel a mais fraca cohesão; — eu acho-a até racionalmente inconcebivel, porque não lhe vejo um ideal, não lhe encontro unidade, ao menos que por ideal não se lhe queira dar a sua tendencia desgraçada para copiação chata de tudo quanto o bom gosto repudia, o seu destino objectivo e as suas vistas por demais praticas e interesseiras; e por unidade — a palpavel desconexão e manifesto desconchavo entre os estranhos elementos de que lhe querem formar.

Entendo que a poesia chegou á sua mais alta manifestação na *Legenda dos Seculos*; attingiu até onde podia elevar-se na escala incommensuravel das concepções humanas a potencia genial de um homem; e esse livro que é uma verdadeira synthese, é para a historia do espirito da humanidade, o que a grande obra de Edgard Quinet — a *Criação*, é para o genesis do mundo material; esses dous livros são

uma illuminadíssima revelação; n'um como n'outro se encontra na natureza íntima dos seres todos, como que um cunho indelevel da divindade e uma tendência fatal ao infinito; porém exigir mais da poesia, é fazer-lhe uma exigência negativa, que redundará na cessação definitiva de sua ascensão às alturas vertiginosas do ideal.

Reconhecemos o fim elevadíssimo da poesia, e é por isso mesmo que dizendo como um crítico austero: « la poésie est une création, donc elle est divine, donc elle n'a rien à démêler avec les procédés vulgaires de l'intelligence » (1), não queremos que lhe cortem as azas, que lhe dissonem as harmonias, que lhe exhaurem o sentimento, o sentimento que lhe dá um'alma que é a emoção, sem o que ella não poderia viver: de mais, como se ainda fosse pouco, lhe queremos desataviar a fôrma, enaltecer o brilho e limitar os vôos no espaço e no tempo!

Um dos grandes espíritos da epocha, talvez a maior organização poetica do seculo, quando publicava a obra em que a sua imaginação peregrina se aprouva em divagar por onde a critica não aprasia que a imaginação parasse, respondendo a essa critica intolerante e exigente, escreveu: « Que le poète donc aille où il veut en faisant ce qui lui plaît: c'est la loi. Qu'il croie en Dieu ou aux dieux, à Pluton, ou à Satan, à Canidie ou à Morgane, ou à rien; qu'il acquitte le péage du Styx, qu'il sorte du sabbat—qu'il écrive en prose ou en vers, qu'il sculpte en marbre ou coule en bronze; qu'il prenne pied dans tel siècle ou dans tel climat, qu'il soit du midi, du nord, de l'occident, de l'orient; qu'il soit antique ou moderne; que sa muse soit une Muse ou une fée, qu'elle se drape de la colocasie ou s'ajuste la cotteshardie. C'est à merveille. Le poète est libre. Mettons nous à son point de vue e voyons. » (2)

Entretanto, todo o intento da idéa nova, é acabar com o lyrismo, como poesia individual e subjectiva, porque a esta poesia cabe a responsabilidade de quantos desvios intellectuaes se tem dado nas lides afanosas do pensamento, e além d'isso, nada tem que ver a humanidade com alheios sentimentos, mesmo os mais íntimos, ainda quando da exposição desses sentimentos, das tristezas dessas almas divinamente sentidas, se exhalarem, como o perfume da flor, elegias docemente

(1) G. Planché—Études Littéraires.

(2) V. Hugo—Les orientales.

dolorosas como o *Gethsemani* de Lamartine, ou tristemente apaixonadas como o *Cantico do Calvario* do desventurado Varella, onde o nosso poeta embriagou-se na voluptuosidade desesperada da dor.

Mas eu não sei o que seria, já não digo só da poesia, mas da arte em geral, sem o sentimento, o amor, a paixão e outros attributos individuaes do poeta, que são como que a sua propria alma; em cima de toda a duvida paira essa qualidade « cachet, caractère spécial, qui distingue une personne ou une chose, (1)—a originalidade, porque contra ella, que é como que o sinete com que cada um revela o que criou, ninguém ainda se levantou directamente, — não sei como ainda se tolera tanto; — trata-se agora de outra coisa, pretende-se formar um poeta abstracto, sem *eu*, sem sentimento, sem paixão, sem amor, sem ambições, sem personalidade em fim.

Querer banir o lyrismo da poesia, é querer tirar ao poeta o amor em suas multiphas manifestações, com todo o seu cortejo de virtudes e vicios, é o mesmo que dizer-lhe que não veja, não sinta, não viva, não sonhe, não chore e não ria.

Mas o que é a poesia sem a paixão na larga accepção que se dá a esta palavra em litteratura? Nada; ao passo que a paixão por si só, pode produzir obras a que nunca alcançariam as organizações poeticas mais decididas e innatas (2); seria uma insensatez, o pretender arredar do dominio da poesia o amor, não o amor que reduzisse a poesia a uma sentimentalidade frivola e mentirosa e a uma idealidade idiota e cachetica; mas o amor verdadeiro, viril, apaixonado, honesto, divino, como o comprehendeu Schakspeare.

Lamartine, que já não era um poeta se não a propria poesia, (3) foi um grande lyrico, e como tal fez a sua reputação de poeta, e quer se pegue nos versos que elle deixou pelos albuns dos amigos, em suas notas de viagens, — quer se investigue as paginas plangentes do *Jocelyn*, em que Planché dizia já ter presentido a transformação da poesia pessoal, ha de se encontrar sempre o amante apaixonado, o filho extremoso, o pai desvelado, o esposo fiel, em fim, o leitor ha de se illuminar sempre nas irradiações d'aquella alma de anjo.

(1) Victor Cousin.

(2) H. Heine.

(3) Theophilo Gautier—Portraits contemporanis.

Uma das individualidades litterarias mais bem accentuadas da França moderna, foi de certo Alfredo de Musset; porém ou se leia as *noites*, ramalhete de flores exquisitamente triste e de uma odorificencia as vezes mal-sã, ou se saboreie a suave cadencia dos magnificos e flexiveis alexandrinos do *Jacques Rolla*, se sentirá sempre uns resaios da melancolia d'aquella alma descrida e apaixonada ao mesmo tempo.

O Semi-deus da poesia, a criança divina de Chateaubriand, aquelle que sempre se envolveu nas nuvens diaphanas do ideal, que habitou sempre as alturas inaccessiveis do Olympo, o Jupiter tonnante da poesia, aquelle de quem dizia um grande critico francez, a proposito da *Legenda dos Seculos*: « Ni douceur, ni tendresse; l'auteur a dédaigné de charmer. Pen ou point de mélodie. » Chacun de ces vers est semblable à un bloc de pierre, à un quartier de roc énorme », (1) algumas vezes a sua alma deixou de ter as scintillações lusescentes do sol, pela luz calma e serena da lua; a sua imaginação os arrebatamentos grandiosos da epopeia, pelo placido e sereno voejar do lyrismo; e nós tivemos as *orientaes*, os *raios e sombras*, *contemplações*, a *arte de ser arô*, etc.

Se ao talento se pôde dar uma designação usada em architectura, eu chamaria de composito ao do auctor do *Reisebilder*, pois pôde-se dizer que este grande poeta cuja lyra não só tinha cordas finas para a satyra e para a ironia, como grossos bordões para celebrar o amor e o heroismo, teve a rara felicidade de crear um genero lyrico singularissimo, uma especie de eclecticismo poetico, em que elle vasava as suas composições, e onde se encontra sempre a lembrança d'aquella que ora lhe apparecia na janella de um castello como no *mar do norte* e ora na phantastica Herodiades do desfiladeiro, dos espiritos de Atta-Troll; pois bem, esse homem que era a ironia poetisada, que nos mandava a satyra assucarada de lyrismo, da mesma maneira que os chimicos abrandam o poder cauteretico de certas substancias, misturando-as com outras de propriedades oppostas, não desdenhava entretanto a poesia individual, como d'ella nos deliciamos nas suas balladas, poesias soltas e sobre tudo na sua mimosa composição o *Intermezzo*.

(1) Emile Montegut—*Revue des Deux mondes*.

A historia da poesia, principiando desde Homero, até ao mais infimo trovador dos nossos sertões, nos ensina que todos os grandes poetas devem o terem produzido as suas maiores obras, ao fogo ardente da paixão e do amor, ás delicias innocentes do lar e da familia, aos affectos sinceros da amizade, á tranquillidade conscienciosa da virtude e sobre tudo á dedicação á humanidade.

Eschilo, Salomão, Virgilio, Dante, Tasso, Petrarca, Camões, Cervantes, Milton, Schakspeare, Corneille, Schiller, Goethe, Byron, amaram na grande extensão desta palavra — d'ahi essas obras admiraveis que lhes levaram á immortalidade —; nenhum d'elles, sem perder entretanto o amor á humanidade, e tambem sem ser egoista, deixou de sentir e de gravar na expressão de seu proprio sentimento, a do sentimento universal, que é o verdadeiro caracteristico do lyrismo puro; a individualidade não é mais do que um involucro apparente que se rompe a medida que o sentimento vai-se apurando; — é uma chrysalida — abre-se e deixa escapar a ideia, mal tem ella attingido á sua perfeição definitiva —; então desaparece a personalidade do poeta, que se deixa substituir pela de cada uma das almas que se identificam com a sua; é uma successão, mas é uma universalidade; — no fundo é sempre a poesia verdadeira, que não tolera as classificações.

Por isso não maldigamos pois essa ou aquella poesia, quer seja individual ou collectiva — fuja das questões de Escola, busquemos o bello onde elle estiver, sem que por isso nos obriguemos ás convenções; é esta a verdadeira theoria da arte, a mais compativel com as ideias de liberdade, tolerancia e justiça, cuja trindade deve ser a divisa do seculo.

PEDRO IVO.

A quem amo

A' toi toujours, à toi.
VICTOR HUGO.

Amo teus olhos, scintillantes, bellos,
Amo teu rosto de morena côr;
Amo teus labios purpurinos, meigos,
Sempre constantes soletrando — amor !

Amo o perfume de tuas longas tranças,
Amo a candura de tua linda voz,
Amo o semblante que a tristeza enlaça
Quando meditas docemente à sós!

Amo teu collo, teu olhar de santa,
Amo teu riso de mulher gentil;
Amo da lua a pallidez sublime,
Vagando leda pelo céu de anil.

Amo a saudade que minh'alma nutre.
Da Mãe querida, da finada irmã;
Amo da rosa as perfumadas pétalas,
Quando se ostenta no jardim louça.

Amo da rôla o soluçar no bosque,
Amo nas trevas — o surgir da luz;
Amo a estrellinha que do ceo risonha
P'r'o mar da gloria meu batel conduz.

Amo da tarde o merencorio riso,
Que corre e vôa n'amplidão dos céos;
Amo teu porte, teu andar, teus gestos,
Amo-te santa dos carinhos meus!

Amo a esperança de gosar um dia
O doce effluxio dos encantos teus,
A natureza revestida em galas,
A minha patria, a liberdade e — Deus!

ERNESTO MACHADO.

Chronica

Estava eu estendido na minha velha cama; na dextra
tinha uma gorda brochura allemã e na esquerda um magro
cigarro paulista, que levava periodicamente aos labios. Em
breve consegui formar em torno da cabeça uma atmosphera

de fumo ao mesmo tempo que, no meu espirito, levantavam-se espessos rolos de vapores metaphysicos.

Sob a influencia dupla de tão energica dose, achava-me quasi narcotizado e subia gradualmente ao setimo céu da estupidez, quando de repente sinto no hombro o choque brusco de um grave. Era a mão enorme e carnuda do *Senimbi* da redacção, que pesando sobre a minha massa, fez-me descer vertiginosamente das regiões transcendentes ao realismo prosaico de um dialogo inesperado, fazendo tambem rolar para o chão o grave filho da Germania. « A situação deve ser grave », pensei subtilmente.

— Sabes que o nosso *chronista* está doente, disse-me o chefe, sentando-se.

— Sinto muito da minha parte, tornei-lhe pondo-me em guarda.

— Não se trata dos teus sentimentos. O negocio, porém, é urgente. A redacção está em crise, tem havido divergencias, porque ninguém se atreve a escrever a *chronica da Revista*. Por isso venho pedir-te que aceites a pasta interinamente.

— E tu o que fazes?

— Eu tambem sou incapaz de escrever uma *chronica*; nunca me ensaiei no genero.

— N'esse caso, respondi-lhe, experimenta escrever a tua. Quanto a mim, não sou rapaz de espirito, não vou à côrte e nem leio os jornaes. Como, pois, improvisar uma *chronica*?

— Falla de politica.

— Não gosto dos *Fagundes*.

— Pois então falla do obituário.

— Oh! isso é funebre. A minha *chronica* exhalaria um odor, que, com certeza, afugentaria os leitores.

— Occorre-me uma idéa luminosa. Como a *Revista* sahe um pouco tarde, acho melhor supprimir a *chronica*, afim de não tornar-se anachronica, substituindo-a entretanto por um rochunchudo artigo sobre a paz universal.

— E' impossivel; e a razão é a seguinte: O leitor da *Revista*, que, como outro qualquer leitor de arromba, possui habitos inveterados, ao receber um numero da mesma, examina em primeiro logar os nomes da comissão de redacção, afim de saber se ha gente nova na terra; depois passa em revista os titulos dos diferentes artigos, à vista dos quaes faz ás vezes um tregeito, se encontra um

soneto no caminho, lê uns versos e transporta-se immediatamente para a chronica. Ah! estaca; toma follego, e antes de começar a leitura, dobra umas folhas até chegar ao fim, onde examina as iniciaes; porque a *Revista* tem duas especies de leitores, uns que gostam da letra U e outros ou outras que têm *pacha* pelo V. *Mysterio!* Depois dão um dasso á retaguarda, isto é, voltam ao cabecario, ageitam-se na poltrona, tiram do bolso um charuto, acendem-no, e depois dé algumas baforadas, dizem philosophicamente: « Vou fazer o *chylo* », e começam a devorar a chronica. Imagina, pois, a cara do leitor, a quem o chronista, querendo pregar uma peça, obrigasse a romper com uns habitos enraizados. Furioso faria, para desforrar-se, um logro á Phenix, não lhe assignando mais a *Revista*.

— Acho justo, retorqui-lhe eu, porque raciocinas como Socrates, a quem Deus haja em sua santa gloria. Agora mesmo vou á côrte, e se fizer boa colheita de noticias, prometto-te salvar a situação.

— Bem, disse o *Sinimbi*, despedindo-se, sê feliz, e na volta escreve o que quizeres; contanto que não digas asneiras. Adeus. Boa viagem.

Obrigado pela *amabilidade*.

Vesti-me ás pressas, abri o *porte-monnaie*, contei os nickels e sahi.

O dia estava cynico, e a rua do Ouvidor soberanamente insipida. O chronista *flânava* sem rumo certo, mas com o ouvido alerta e o nariz no ar, afim de melhor apanhar as noticias que por acaso estivessem mergulhadas no fluido atmospherico. Recebo um encontrado. « Perdão, doutor, faz o obsequio de ceder-me o seu fogo. » Eu que tenho a vaidade de ser um pouco *inglez* nos costumes, tirei do bolso a caixa de phosphoros e offereci-lh'a. Elle acendeu uma ponta e ao entregar-me a sobredita caixa agradeceu-me, e, compondo um sorriso amavel, disse-me: « Doutor, o senhor já esteve na Inglaterra? » Nunca, respondi-lhe sem hesitar. « Então é filho de *inguez*? » Não, resmunguei um pouco desconfiado. « Falla *inglez*? Mora com *inguez*? E' socio de uma casa *ingleza*? » Com *vozes* não, respondi algum tanto atorreado e *massado*, porque não tenho cara de *beef*; e, aproveito a occasião para dizer ao leitor, que nunca me viu mais gordo, que não uso *suissa*, nem se vêm *projectos* d'ellas na minha *tata*, lisa e um pouco bronzada pelo sol da Equador.

Porisso, disse ao meu interlocutor, convidando-o a seguir-me no meu vagabundar desnorreado, o senhor achou-me por ventura *eccentrico*?

— Desculpe se o offendi, disse elle; mas interroguei-o por duas razões. *Primo*, pelo modo original porque o doutor offereceu-me fogo; *secondo*, queria saber se conhecia a palavra *Jönköpings*, assim como as suas raizes, a sua origem, etc.; porque, cá para nós, e pondo a modestia de parte, eu sou philologo e professo a archeologia. Se pois, o doutor não se enfada, de bom grado presto-me a explicar-lhe a inscripção da sua caixa de phosphoros.

Poupo ao leitor a descripção d'este typo pomadista que por si mesmo faz a sua apresentação em regra. De boa vontade mandava-o... *para a casa da sogra*, porém, tendo no lombo todo o onus de *uma chronica á fazer*, armei-me de uma paciencia, digna do leitor e disse á *Jönköpings* (assim fica baptisado o pandego): Vou satisfazer de alguma sorte a sua nobre curiosidade, convidando-o no entanto a entrar no Castellões, afim de estarmos mais a gosto e a sua sciencia ser apreciada mais dignamente por um publico illustrado. Quanto a mim não sou inglez, como já lh'o declarei formalmente, porém, admitto os costumes inglezes. E' como se lhe dissesse, em linguagem scientifica, não sou positivista, mas admitto as bases da philosophia positiva. Fallo-lhe assim, porque, acredite-me sinceramente, eu o acho assim com uns ventos de um grande *sabio*, de um genio engarrafado.

— Aceito o convite, tornou-me Jönköpings, mas não o debique.

— Hom'essa é classica, como dizia um collega meu; não tenho a pretensão de debica-lo; meu fim é *distrahir-me, aprendendo*. Eis ahi tudo.

N'este interim entramos na confeitaria e o meu impagavel companheiro, depois de sorver um gole de cognac, começou:

— Os Arabes...

— Sim, disse-lhe eu, extrahia-me as suas raizes; mas procedamos com methodo. Quero saber em primeiro lugar se são quadradas ou cubicas; isto é mathematica, racional, etc.

— Os Normandos...

— Perdão, o senhor não prometteu digressões historicas, e sim extracção de raizes.

— Raiz, continuou o mesmo, deriva do latim, *radix, icis*...

— Pelo que vejo, o senhor já esqueceu-se do assumpto capital. Tratava-se, se não me engano, de uma inscripção phosphorica.

— Ah! sim *Jönköpings* é uma palavra sueca derivada de duas raizes, uma ingleza *Jön*, contracção de *John*, em portuguez João, e outra—do hollandez—*köpings*, em portuguez copinho, calice.

— Calice é melhor, é mais realista, lembra o cognac que estamos bebendo.

— Admitto a emenda. Resumindo, *Jön*, João, *köpings*, calice de João em bom portuguez. Não acha? A construcção inversa é muito usada na lingua sueca, e em geral nas de origem gothica. Por isso diz-se—João Calice; é mais elegante, é pouco vulgar; dá mesmo um cheiro aristocratico á palavra. Não acha?

— Acho, acho; continue. De meu lado, continueu distraído, prestando attenção a um grupo que fallava com animação.

— Nas linguas derivadas do tronco germanico, continuou o meu heróe loquaz, linguas altamente philosophicas, os nomes proprios, muitas vezes são compostos de appellativos, á primeira vista, exquisitos. Assim diz-se por exemplo: o senhor *Sapato*, o senhor *Arvore*, o senhor *Barba de Ferro*, o senhor *Carro de Gallinha*, etc. Não é, pois, para admirar que João Calice, *Jönköpings*, signifique em sueco o nome de fabricante de seus phosphoros.

Estava quasi a dormir, quando ouço uns murros e vozes que partiam do grupo citado. « Pode, não pode. Você é *Marianista*. Você é *Gasparista*. O Zé Mariano não passa de um *fagundes*. E' falso; o Silveira é que gosta da misturada. E' uma calumnia da imprensa venal. O Mariano é carroceiro. O Garpar tem uma parte de Mirabeau; por isso usa da *touca*. Mirabeau nunca andou de *touca*, mas usava a *perruque*. Não estamos mais no seculo XVIII. Concedo, mas é o nosso Gambetta.

Estava eu ouvindo com interesse este dialogo picante de actualidade, quando fui de novo interrompido pela chegada de um *salvador*. Era um conhecimento das casas velhas, que me atirou em face a seguinte apostrophe polyglota: O' incommensuravel, quomodo vales? How do you do? Comment faites vous faire? Desculpa, disse-me elle apertando a mão fortemente, este ultimo *pedaço tocante* é a traducção

de Voltaire. Declaro em tempo, porque gosto de dar ao pai a criança. Ou á mãe, respondi-lhe sorrindo.

Cumpra declarar ao leitor que este meu collega e velho amigo, hoje estudante da Polytechnica, estava iniciado n'uma sociedade secreta, fundada por um tal Mr. Junior, que a *Gazeta* mandou para a França (onde morou ha pouco n'um celebre hotel) por ter o espirituoso escriptor a mania de redijir os seus folhetins á moda franceza.

Igual sorte teve um tal *signore Ludwig Junior*, tambem folhetinista, a quem mandaram para Roma, porque no Brasil não deve existir gosto artistico. Felizmente não foram deportados para sempre. Mas voltemos para Alberto (interinamente será o nome do meu amigo.)

Alberto, lançando um olhar obliquo ao meu eterno conviva, disse-me:

« Então, sempre amolador, hein? sempre saporifero, hein? Não desconfias de nada? Contaram-me que estás mathematicheiro, rhomboidal, pyramidal! Que dizes? » Jönköpings ao ouvir este jorro de meu amigo torneira, toma a *carapuça* e escapole-se sem querer ser notado. Mas eu chamei-o e disse-lhe: « Então o senhor é francez, esteve em França? Adeusinho; boa tarde.

— Não, respondeu elle muito embaraçado, eu vou estudar; porque tenho de fazer no domingo proximo uma conferencia na Gloria sobre o sanscrito, e consta-me que o imperador vai assistir.

— Agora sim, pôde ir com Deos; estamos sempre ás suas ordens em nossa casa, placa, etc.

Retirou-se emfim!

Senta-te, disse eu a Alberto e dize-me, se o podes, alguma coisa sobre aquelle *bond*, que zurra e esmurra sobre a politica e a mesa. Eu sou *larangeira*, como sabes; demais a mais, estou arvorado em chronista da *Revista da Phenix*, por isso peço-te que faças um apanhado sobre a politica actual.

— Homem, um delles é o Kappa-Amargo; esse co-nheço, o eu, é uma celebridade do dia; o outro é um tal Munsu Galdin; e, embora de origem *brasileira*, ambos são *fagundes*. Eis ahi o que sei á respeito. Quanto ao teu segundo pedido, vou satisfazer-te mudando, porém, o scenario e transportando os actores para um paiz longinquo, passando-se a scena n'uma época remota; porque, accres-

centou elle em voz baixa, as paredes têm ouvidos. Dito
comecemos.

A historia que vou contar-te, principia para maior clareza da exposição, depois da guerra de Troia, na época em que *Ninguém*, rei de Ithaca, apaixonado pelo mar, vai fazer a sua segunda Odysséa. *Ninguém* leva consigo sua esposa Penelope e deixa na governança seu filho Telemaco, casado com uma primeira hungara. Isto é um pouco anachronico, mas não faz mal. *Ninguém*, o mais artificioso dos gregos, segundo Homero, conhecendo as imprudencias e o pouco senso que presidem aos actos da mocidade, ao deixar Ithaca, tirou da sua sala d'armas um *sabre velho*, mas de gloriosa memoria e entregou-o a Mentor afim de que este podesse guiar d'um modo mais seguro os passos do joven Telemaco, cortando os obstaculos materiaes que a estrada a seguir podesse, por ventura, apresentar. *Ninguém*, segundo o mesmo poeta já citado, aproveitou muito durante a sua viagem, cheia de aventuras aprendendo os costumes estrangeiros e conhecendo melhor os homens e as cidades que visitou. Depois de um anno e de volta emfim á patria, achou *Ninguém* o *sabre* mui *enferrujado*; pelo que censurou acrememente á Nestor, culpando-o da má direcção dos negocios e do extravio dos dinheiros publicos. N'este intuito, tornou a pendurar na parede o velho *sabre*, chamou á Achilles. o mais festejado heroe da guerra de Troia, e incumbio-o da direcção dos negocios relativos á guerra. Tambem substituiu Nestor pelo famigerado Ajax. Achilles, como sabes, era chefe dos Myriniões, povo bellicososo; tinha um filho — Pyrrho e um amigo e conselheiro — Patraclo.

Feita esta mudança, *Ninguém* impoz ao Areopago, assembléa de anciãos veneraveis, uma medida *directa* relativa á causa publica, n'uma *Falla*, que depois foi traduzida para vernaculo por um grego espirituoso afim de que o Zé-povinho ithaquense podesse comprehendel-o. Estavam as cousas n'este pé, quando um grave incidente veio perturbar a marcha regular dos negocios e a paz dos espiritos. Um dia Ajax, empunhando a grossa clava que, até então sempre brandiu com felicidade, lançando a morte e o terror em torno de si, sahe á passeio. Encontra no caminho um caverna onde penetra cheio de audacia. Esta caverna era a morada de Polyphemo, e o aprisco de numerozo rebanho de

lanigeros. Qual não foi pois o espanto de Ajax, quando notou naquella meia obscuridade do antro o chamejar de um olho enorme. Era o unico olho humano perdido no meio d'aquella assembléa de alimarias. Este olho pertencia ao velho cyclope, que era de mesma estatura gigantesca que o visitante ousado. Seguiu-se como era de prever um combate homérico. Entretanto Ninguém, fiel ao seu programma, e naturalmente amigo da paz, massou e acabo por tampar a fervura com uma *Ex-Celsa*... *Polha*.

A fabula conta que Ajax vendo os seus brios de valentão affrontados, suicidou-se com a clava e foi enterrado n'um lugar profano, denominado — *Coração dos Ithaquenses*. O Zé povinho de Ithaca perdoando-lhe os seus soffrimentos, de que elle foi causa principal, e só lembrado dos seus nobres feitos bellicosos que muito contribuíram para salvar a Grecia das guerras troyanas, acompanhou numerozo o seu sahimento, porém, accrescenta a mesma fabula, sobrevindo uma grande chuva voltou para casa... *encuto*. (?)

Passando agora de um polo a outro, sabes que *Ethophilo* encetou na *Phoenix Dramatica* uma serie de conferencias positivistas?

— Pois então peço-te que vás ouvi-lo por dous; sinto de veras não poder ir apertar a mão do illustre prelector.

Acto continuo, levantamo-nos e depois de classico *sake-ande*, já tinhamos tomado o caminho do curral quando ouço á distancia: « Olá, escuta; ia-me esquecendo; esta é importante; o *Comte* vai em breve *desfraldar o pendão da philosophia positiva*. »

— Como assim? exclamei admirado.

— Pois fica prevenido de que elle vai entrar em concurso com *Sturm*.

— Tanto melhor, assisti-lo.

— Quem, o *Sturm*?

— Não, o concurso.

E separamo-nos finalmente.

Leitor amavel, que tiveste a paciencia de ler até ao fim o que me aconteceu por tua causa, eu me despeço de ti, desejando-te as boas festas pelo anno novo, e pedindo-te finalmente que attendas ao seguinte: o U, como sabes, poz-se ao fresco; o V, foi dar um passeio pelo paiz das febres; é natural portanto que se assigne o teu desconhecido

EXPEDIENTE

Recebemos os seguintes jornaes: do Amazonas — *Echo Militar*; do Pará: *O Puraquê*; do Maranhão: *A Escola e Commercio de Caxias*; do Ceará: *Pedro II*; do Rio Grande do Norte: *Correio do Natal* e o *Liberal*; de Pernambuco: *Diario*; das Alagoas: *Papagaio*; de Sergipe: *O Sagittario e Imparcial*; do Espirito Santo: *Gazeta da Victoria*, *Idéa* e *Espirito Santense*; da Corte e Provincia do Rio: *Revista do Instituto Polytechnico*, *Revista Illustrada*, *Revista Militar*, *Diario de Campos*, e *Monitor Campista*; de S. Paulo: *Gazeta de Campinas*, *Gazeta de Lorena* e *Echo Bananalense*; de Minas: *Colombo*, *Baependyano*, *Mozaico Ouro-Pretano* e *Atalaia do Progreso*; de S. Catharina: *O Conservador*; do Rio Grande do Sul: *O Caixeiro* e *Figaro* (Porto Alegre), *Alvorada* e *Violeta* (Rio Grande), *Revista Gabrielense* (S. Gabriel), *Grinalda*, *Echo da Fronteira* e *Livramento* (Sant'Anna do Livramento), *Cruzeiro do Sul* (Bagé) e *Santa Cruz* (Uruguayana); de Matto Grosso: *O Iniciador*. A' todos agradecemos e desejamos vida.
